

RACIONALIDADE E DESPERSONALIZAÇÃO DO HOMEM MODERNO

Alonso Bezerra de Carvalho¹

Resumo

O texto faz uma reflexão sobre a instauração da modernidade a partir da análise feita por Max Weber. Quando estuda o Ocidente moderno Weber busca elucidar as razões pelas quais a arte, a ciência, a política, o esporte e a vida econômica ocidentais constituir-se-iam fortemente marcadas pelo traço da racionalidade. É com o intuito de compreender o processo que engendrou essa racionalidade ocidental que escreve aquela que talvez seja sua obra mais célebre: A ética protestante e o espírito do capitalismo. A ascese orientava todo o seu vigor principalmente contra uma atitude: a de desfrutar espontaneamente a vida e tudo o que ela tem para nos oferecer. Ou seja, os bens culturais produzidos não podem ser objetos de prazer. O esporte, por exemplo, tinha que servir a uma finalidade racional: ao restabelecimento necessário do corpo.

Palavras-chave: cultura moderna, racionalização, esporte

O conceito de modernidade, não é encontrado em Weber de maneira explícita, mesmo porque os conceitos em seu pensamento são apenas um recurso provisório que o pesquisador utiliza, segundo o seu ponto de vista axiológico, no processo de compreensão do devir histórico-social. Não pretendem copiar a realidade nem contê-la, mas, sim, orientar a interpretação científica. Explicar o singular não é fazê-lo desaparecer sob a generalidade de enunciados sob a forma de lei. É a partir dessa visão que teria feito os seus estudos sobre a modernidade. Na leitura de Wolfgang Schluchter,

ele nunca usava o conceito de modernidade sem qualificá-lo. Falava do capitalismo moderno, do racionalismo moderno, também da liberdade moderna, mas nunca da modernidade, quando não evitava totalmente o conceito ‘moderno’ para falar, por exemplo, de nosso desenvolvimento social econômico europeu-americano (Schluchter In: COHN, 1990, p. 230).

Quando estuda o Ocidente moderno Weber busca elucidar as razões pelas quais, em contraposição ao que teria ocorrido no Oriente, a arte, a ciência, a política e a vida econômica ocidentais constituir-se-iam fortemente marcadas pelo traço da racionalidade. É com o intuito de compreender o processo que engendrou essa racionalidade ocidental que escreve aquela que talvez seja sua obra mais célebre: *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Nesta obra, o racionalismo, que Weber aponta como característica específica do capitalismo ocidental moderno, é visto como algo resultante do processo desencadeado pela Reforma Protestante. Nela, trata de responder à seguinte pergunta: o que é específico do Ocidente e como veio a desenvolver-se? A racionalização teria se manifestado com o processo de diferenciação das esferas de valor e ação - ciência, arte, moral, direito -, antes unificadas pela religião, na medida da dessacralização ou desencantamento (*Entzauberung*) da tradição - o que teria despojado o mundo dos seus elementos metafísico-religiosos. O surgimento do cálculo racional dos custos da produção, a institucionalização do trabalho assalariado, o aparecimento de uma nova maneira de pensar e de agir que favorecia o processo de

¹ Doutor em Educação – Unesp/Assis

acumulação e a contínua incorporação da ciência e da técnica ao processo produtivo, como também a modificação do Estado, que passou a se organizar com base num sistema tributário centralizado, num poder militar permanente, no monopólio da legislação e da violência e, principalmente, numa administração burocrática racional, são os outros elementos que manifestariam a racionalidade instaurada no mundo ocidental moderno.

A racionalização da personalidade do homem moderno

Segundo o entendimento de Weber, o processo de racionalização do mundo ocidental inclui também a racionalização do *estilo de vida* do homem, de sua conduta ética. A ética protestante teria preparado a instauração da vida racionalizada, trazendo os rigores da ascese para os costumes do mundo. O racionalismo econômico, como característica central do desenvolvimento do Ocidente, teria sofrido, no entendimento de Weber, uma influência do *ethos* racional da conduta da vida existente nas concepções protestantes, contribuindo significativamente para aquela concatenação de circunstâncias à qual se deve a cultura moderna.

Weber apresenta em grande parte de sua sociologia o resultado de suas investigações a respeito da ética vocacional dos movimentos religiosos, com o objetivo de esclarecer de que maneira e em que direção, em que grau e intensidade, o movimento religioso agiu sobre o desenvolvimento da cultura ocidental, isto é, em que medida os fenômenos culturais contemporâneos se originam historicamente em motivos religiosos, e como podem ser relacionados a eles.

No texto “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*”, ele diz que ao observar “os líderes do mundo dos negócios e os proprietários do capital, assim como dos níveis mais altos da mão-de-obra qualificada, principalmente o pessoal técnica e comercialmente especializado das modernas empresas, percebeu que são preponderantemente protestantes”(Weber, 1967, p. 19). Segundo Weber, são as condições econômicas, como a “posse prévia de capital” e “uma educação dispendiosa”, que fez com que os homens aderissem a uma nova filiação religiosa, a protestante, emancipando-se do “tradicionalismo econômico”, baseado no respeito à tradição religiosa e às autoridades políticas e eclesiásticas. Essa emancipação significou que o domínio da Igreja Católica fora substituído por uma nova forma de controle, uma nova maneira de pensar e de agir - a calvinista, principalmente.

Além do fato de serem herdeiros de uma maior riqueza material, os protestantes tinham uma educação diametralmente oposta à dos católicos, tanto no aspecto qualitativo como no quantitativo, o que favorecia o interesse pelos empreendimentos capitalistas. Enquanto a educação católica estaria voltada para os estudos humanísticos, prevalecia no protestantismo os estudos direcionados para trabalhos técnicos e especializados. “Seus membros mais capazes ansiavam por ver reconhecidas as suas habilidades no campo das atividades econômicas”, adotando uma conduta específica que tendia para o racionalismo, fato “que não pode ser observado entre os católicos” (Cf. Weber, 1967, p. 22). Essas condições favorecia o surgimento de um espírito capitalista como resultado da relação entre uma filosofia religiosa da vida com o mais intenso desenvolvimento da mentalidade comercial. É nesse contexto que Weber procurará compreender com clareza a relação entre as características puramente religiosas e a moderna cultura capitalista.

O espírito do capitalismo pode ser entendido como aquilo que se encontra nas sentenças de Benjamim Franklin, algo, segundo Weber, que está dotado de um aspecto até irracional. Nelas é dito que “*tempo é dinheiro*”, “*crédito é dinheiro*”, “o dinheiro pode gerar dinheiro e seu produto pode gerar mais, e assim por diante” e “aquele que mata uma porca prenhe destrói toda uma prole até a milésima geração”.

O *summum bonum* desta ‘ética’, a obtenção de mais e mais dinheiro, combinada com o estrito afastamento de todo gozo espontâneo da vida é, acima de tudo, completamente destituída de qualquer caráter eudemonista ou mesmo hedonista, pois é pensado tão puramente como uma finalidade em si, que chega a parecer algo de superior à ‘felicidade’ ou ‘utilidade’ do indivíduo, de qualquer forma algo de totalmente transcendental e simplesmente irracional. O homem é dominado pela produção de dinheiro, pela aquisição encarada como finalidade última de sua vida (..) Ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é, enquanto for feito legalmente, o resultado e a expressão de virtude e de eficiência em uma vocação (Cf. Weber, 1967, pp. 28 e segs).

É com a idéia de vocação que vamos entender a relação entre a ética protestante e o “espírito do capitalismo”, favorecendo o surgimento do racionalismo ocidental. Como se pode notar, o raciocínio de Weber é que já na palavra alemã *Beruf*, e, quem sabe, ainda mais, na palavra inglesa ‘*calling*’, existe um conotação religiosa - a de uma tarefa ordenada ou pelo menos sugerida por Deus. Para aquilo que hoje chamamos de ‘vocação’ (no sentido de um plano de vida, de uma determinada área de trabalho, enfim, de uma profissão), nem os povos predominantemente católicos, nem a Antigüidade Clássica conheceram um termo equivalente, ao mesmo tempo que ele tem existido entre todos os povos predominantemente protestantes (Weber, 1967, p. 52).

A vocação, significando um plano de vida - a dedicação exclusiva a uma determinada área de trabalho, a valorização do trabalho cotidiano secular -, seria produto da Reforma. É com Lutero que o conceito de vocação adquire esse novo significado. Nele, “a única maneira de viver aceitável para Deus não estava na superação da moralidade secular pela ascese monástica, mas sim no *cumprimento das tarefas do século*, imposta ao indivíduo pela sua posição no mundo. Nisso é que está a sua vocação” (Weber, 1967, p. 53). Essa idéia de vocação é, na leitura de Weber, um dos traços principais para quem deseja compreender a relação entre ética religiosa e o desenvolvimento do moderno capitalismo ocidental. Se na Idade Média seria condenável uma conduta que manifestasse um “apego ao mundo”, uma “valorização da vida secular como dever”, o mesmo não acontece na modernidade com a ética oriunda dos movimentos religiosos protestantes. O calvinismo é, na ótica de Weber, a expressão dessa ruptura, inclusive em relação aos vestígios tradicionais contidos ainda no luteranismo, seu contemporâneo.

Entretanto, cabe ressaltar que a ética dos movimentos religiosos protestantes não pode ser de maneira alguma interpretada como divulgação *necessária* do que se convencionou chamar espírito do capitalismo. Para esses movimentos, a salvação da alma era o único ponto angular de suas vidas e obras. Dessa forma, “os resultados culturais da Reforma foram em boa parte *conseqüências imprevistas*, e por isso mesmo não desejadas, do trabalho dos reformadores, muitas vezes bastante divergentes, e até opostas ao que eles realmente desejavam” (Cf. Weber, 1967, pp. 60-1). Do ponto de vista central do método de Weber, os processos de modernização (ou os processos de racionalização, de desencantamento ou de diferenciação - todos estes termos podem

quase sempre ser substituídos um pelo outro) não são resultados de um processo histórico intencional, iniciados por motivos revolucionários e nem provocado voluntária e conscientemente.

Este processo caracteriza-se por uma ‘dialética’, que basicamente consiste no fato de que aquilo que na sua gênese apoiou-se em determinado *ethos*, em determinado modelo cultural, continua a desenvolver-se independentemente da presença dessas condições éticas desencadeadoras, e no decorrer do tempo passa a dirigir-se contra as condições de sua gênese. O resultado não corresponde a uma intenção, mas o processo é indiretamente possibilitado por certa atitude moral, e esta desaparece no decorrer do processo (Cf. Offe In: Cohn, 1990, p. 233).

Além disso, o *ethos* protestante não pode ser considerado como a única mas *uma* das fontes do processo de racionalização da vida que contribuiu para formar o que Weber chama de espírito do capitalismo. Se a doutrina da predestinação calvinista, por exemplo, adquiriu uma relativa importância no processo de constituição do capitalismo moderno; tornando-se uma das causas de tal processo histórico, estaríamos condenados ao fracasso se adotássemos essa causa como única e necessária. É importante expormos o que essa doutrina tem e que influenciou os nossos tempos.

A doutrina da predestinação tem a seguinte máxima como seu corolário principal: “por decreto de Deus, para manifestação de sua glória, alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna e outros à morte”. Em outras palavras, “Deus não existe para os homens mas estes por causa de Deus”, isto é, os desígnios divinos somente podem ser entendidos, e mesmo conhecidos, por nós, na medida que seja de Seu agrado nô-los revelar. “O significado de nosso individual está envolto em tenebroso mistério, cuja penetração seria impossível e cujo questionamento seria presunçoso”. Nesse *decretum horribile*, a graça de Deus, uma vez que seus desígnios não podem mudar, é tão impossível de ser perdida por aqueles a quem Ele a concedeu como é inatingível para aqueles aos quais Ele a negou. A consequência de tal decreto seria o “sentimento de uma inacreditável solidão interna do indivíduo”, que a despeito de sua salvação eterna, garantida que estava pela compreensão do Pai Celestial do Novo Testamento, que se alegra com o arrependimento de um pecador, está condenado a seguir sozinho “seu caminho ao encontro de um destino que lhe fora designado na eternidade”. O lugar daquele Pai Supremo teria sido ocupado por um ser transcendente, situado para além do alcance do entendimento humano e que, traçando o destino de cada um, teria regulado nos mínimos detalhes o “cosmos da eternidade”(Cf. Weber, 1967, pp. 68 e segs).

Para Weber, encontramos aqui a diferença fundamental e decisiva entre o calvinismo e o catolicismo. Na concepção calvinista, haveria uma completa eliminação da salvação do indivíduo através da Igreja e dos Sacramentos, como acreditava a concepção católica. Ninguém poderia ajudá-lo - “nenhuma Igreja, nenhum sacerdote, nenhum sacramento e, finalmente, nenhum Deus” - o que significa, definitivamente, o desencantamento da moral religiosa.

Aquele grande progresso histórico-religioso de eliminação da magia do mundo (*Entzauberung der Welt*), que começara com os velhos profetas hebreus e conjuntamente com o pensamento científico helenístico, repudiando todos os meios mágicos de salvação como superstição e pecado, chega aqui à sua conclusão lógica”(Weber, 1967, p. 72).

Portanto, a importância que os movimentos religiosos protestantes tiveram no desenvolvimento da moderna cultura secular foi propiciada pela mais radical desvalorização de todos os sacramentos como meios de salvação, realizando assim, até as suas últimas conseqüências, a desmistificação religiosa do mundo. Inclusive os sinais de cerimônia religiosa na sepultura era rejeitados. Vida e morte foram dessacralizadas. Segundo Weber, esses movimentos tinham a peculiaridade de formarem comunidades que desejavam ser “puras”, repudiando sinceramente o mundo, submetendo-se incondicionalmente a Deus, “que nos fala através da consciência”. Isto é, “apesar da necessidade do indivíduo participar da verdadeira Igreja para a salvação, o intercâmbio com seu Deus era desenvolvido em um profundo isolamento espiritual”(Cf. Weber, 1967, p.74) Weber anota que “este é um fato de especial importância para a interpretação das bases psicológicas das organizações sociais calvinistas. Todas repousam em motivos racionais espiritualmente individualísticos. O indivíduo nunca ingressa nelas emocionalmente. A glória de Deus e a salvação de cada um permanecem acima do limiar da consciência”(Cf. Weber, 1967, nota 28 do capítulo IV.)

A conduta do homem predestinado baseia-se na “espera” pela ação do Espírito, espera esta que tinha a finalidade de superar o caráter “impulsivo e irracional das paixões e dos interesses subjetivos do homem ‘natural’”. Ele deveria calar-se a fim de conseguir aquela profunda tranqüilidade de alma que é a única em que pode ser ouvida a palavra de Deus. Esse silêncio do homem, à espera da fala de Deus, fizera com que surgisse uma conduta que afetou a vida profissional, propiciando uma *educação* para a tranqüila ponderação dos negócios e para a orientação destes em termos de cuidados e justificação da consciência individual, adotando uma conduta, tranqüila, moderada e eminentemente conscienciosa. “A eliminação da magia do mundo não permitiu nenhum outro curso psicológico, que não a prática do ascetismo laico. Uma vez que estas comunidades nada queriam ter que ver com os poderes políticos e com seu procedimento, disto resultou visivelmente a penetração desta moral ascética na vida profissional”(Cf. Weber, 1967, pp. 104 e segs)

Essa maneira de pensar e ver o mundo fez com que o indivíduo agisse buscando a salvação, onde a fé tinha de ser provada por seus resultados objetivos, a fim de proporcionar uma base segura para a *certitudo salutis* - a certeza de ter obtido a graça, ter sido um dos eleitos. Em outras palavras, “a fim de alcançar aquela autoconfiança, uma intensa atividade profissional era recomendada, como o meio mais adequado. Ela, e apenas ela, afugenta as dúvidas religiosas e dá a certeza da graça”. Weber denomina essa idéia de vocação para a salvação como *fides efficax* e esta só a tem aquele que for um dos eleitos. Essa *fides efficax*, um tipo de conduta cristã para aumentar a glória de Deus, exige que o indivíduo prove a sua fé na atividade secular - “que Deus ajuda quem se ajuda”, o que exige um “sistemático autocontrole que a qualquer momento se via ante a inexorável alternativa: escolhido ou condenado ?”(Weber, 1967, pp. 78-9). Nisso está sua diferença em relação ao catolicismo.

Para Weber, enquanto a ética protestante pregava que as obras como dever profissional eram importantes para o êxito salvífico, no catolicismo, apegado ainda às obrigações tradicionais, suas ‘boas obras’, ainda que com objetivo também salvífico, não formavam um sistema de vida integrado, racionalizado, mas permaneciam muito mais uma sucessão de atos isolados - os católicos não levaram tão longe quanto os puritanos o racionalismo do mundo, a eliminação da magia, como meio de salvação. O Deus dos calvinistas requeria de seus fiéis, não apenas ‘boas obras’ isoladas, mas uma santificação pelas obras, coordenada em um sistema unificado. Fundamentada num

método consistente e consciente, a vida do homem protestante passa a ser completamente racionalizada e dominada pela finalidade de aumentar a glória de Deus na terra. “Somente uma vida guiada por uma reflexão contínua poderia obter vitória sobre o estado de natureza. O *Cogito, ergo sum* de Descartes foi adotado pelos puritanos contemporâneos com esta reinterpretação ética”(Weber, 1967, p. 81-2).

Tendo em vista que essa conduta racional da vida protestante teria se desenvolvido desde longa data, Weber vai buscar no ambiente do ascetismo cristão monástico a sua origem. O monasticismo estruturou um método sistemático de conduta racional com a finalidade de superar o *status naturae*, isto é, de liberar o homem do poder de impulsos irracionais e de sua dependência do mundo e da natureza, mantendo suas ações sob constante autocontrole. Os reformadores protestantes teriam retirado dos mosteiros o ascetismo racional cristão e seus hábitos, colocando-os a serviço da vida ativa do mundo. “O calvinismo substitui a aristocracia espiritual dos monges, alheia e superior ao mundo, pela aristocracia espiritual dos predestinados santos de Deus, integrados no mundo”(Weber, 1967, p. 85). A conduta ética sistematizada, metodicamente racionalizada, teria influenciado o planejamento racional de toda a vida do indivíduo. Esta racionalização expressa a consequência que o conceito de vocação adquiriu no protestantismo ascético.

Desse modo, vê-se que na compreensão weberiana a idéia de vocação, ao adquirir o significado secular, influenciou o desenvolvimento da vida cultural moderna. Esse significado se revela com maior clareza quando Weber apresenta a discussão sobre a riqueza e seu processo de aquisição.

A riqueza é condenável eticamente, só na medida em que constitui uma tentação para a vadiagem e para o aproveitamento pecaminoso da vida. Sua aquisição é má somente quando é feita com o propósito de uma vida posterior mais feliz e sem preocupações. Mas, como empreendimento de um *dever vocacional*, ela não é apenas moralmente permissível, como diretamente recomendada (Weber, 1967, p. 111).

Aqueles que querem apenas o gozo da riqueza e, conseqüentemente, o ócio, a sensualidade e o perigo do relaxamento, estão como que contrariando a vontade divina. O homem, nesta terra, deve “trabalhar o dia todo em favor do que lhe foi destinado”, ou seja, aumentar a glória de Deus. A perda de tempo com o luxo, o sono, as conversas ociosas, o esporte, etc., seria o primeiro e o principal de todos os pecados, pois toda hora perdida redundaria numa perda de trabalho para a glorificação de Deus. “O trabalho é o velho e experimentado instrumento ascético, que previne o homem das tentações, inclusive as sexuais, que devem estar voltadas para o mandamento ‘crescei e multiplicai-vos’”(Weber, 1967, p. 113). Contra todas as tentações é prescrito: “trabalha energicamente em tua vocação”. A falta de vontade de trabalhar seria, nesse caso, um sintoma da ausência do estado de graça. O trabalho passa a ser a única maneira de o indivíduo se certificar de que é um dos eleitos de Deus.

Portanto, na medida em que o homem dedica-se à sua vocação ocorre, pelo menos indiretamente, um processo de especialização, de diferenciação de suas ações, de divisão do trabalho, possibilitando o desenvolvimento das habilidades do trabalhador, levando a produção a progressos quantitativos e qualitativos. “Fora de uma vocação bem sucedida, as realizações do homem são apenas casuais e irregulares, e ele gasta mais tempo na vadiagem do que no trabalho, permanecendo numa contínua confusão, não conhecendo nem tempo nem lugar”, sendo que “o trabalhador especializado efetuará seu trabalho ordenadamente, (...) razão pela qual ter um ofício certo é o melhor para todos”(Weber, 1967, p. 115).

A racionalização: perda de liberdade

Em *Economia e Sociedade* Weber afirma que

não houve nenhum desenvolvimento, *nem em germe*, em direção ao capitalismo *moderno* e, sobretudo, nenhum ‘espírito capitalista’ no sentido do protestantismo ascético (...) Somente ele acabou realmente com a magia, com a extramundandade da busca da salvação e com a ‘iluminação’ contemplativa intelectualista como sua forma mais elevada; somente ele criou os motivos religiosos para buscar a salvação precisamente no empenho na ‘profissão’(vocação) intramundana”(Weber, 1998, p. 416).

Essa concepção puritana e ascética de vocação, agora difundida na sociedade, influenciando o desenvolvimento do estilo de vida capitalista, inaugurou algo singular na história da cultura moderna - a materialização da impessoalidade. É no capítulo quinto, o mais significativo d’*A ética protestante e o espírito do capitalismo*, intitulado *A ascese e o espírito do capitalismo*, que Weber expõe de maneira profunda a sua compreensão do processo de modernização da cultura ocidental. “A ascese orientava todo o seu vigor principalmente *contra* uma atitude: a de desfrutar espontaneamente a vida e tudo o que ela tem para nos oferecer”. Ou seja, os bens culturais produzidos não podem ser objetos de prazer. O esporte, por exemplo, tinha que servir a uma finalidade racional: ao restabelecimento necessário do corpo. A idéia predominante é a de que o homem é apenas como que um guardião dos bens que lhe foram confiados pela graça de Deus; seria como o servo da Bíblia: deveria prestar conta até o último centavo, não lhe sendo, pois, nem um pouco imaginável gastar o que quer que fosse sem uma finalidade que não a glória de Deus - que não fosse o mercado. “A idéia do dever do homem para com os bens que lhe foram confiados, aos quais se subordina como administrador, ou até como ‘máquina de ganhar dinheiro’ (*Erwerbsmaschine*), estender-se-ia com seu peso paralisante sobre toda a vida”(Weber, 1967, p. 122). Quanto maiores as posses, mais pesado seria o sentimento de responsabilidade, no sentido de conservá-los integralmente e aumentá-las cada vez mais, através de infatigável trabalho. Esta seria a herança que o protestantismo ascético nos teria deixado.

Em seu texto Weber afirma que o

ascetismo secular do protestantismo (..) opunha-se, assim, poderosamente, ao espontâneo usufruir das riquezas, e restringia o consumo, especialmente o consumo do luxo. Em compensação, libertava psicologicamente a aquisição de bens das inibições da ética tradicional, rompendo os grilhões da ânsia de lucro, com o que não apenas a legalizou, como também a considerou como diretamente desejada por Deus. A luta contra as tentações da carne e a dependência dos bens materiais era não uma campanha contra o enriquecimento, mas contra o uso irracional da riqueza (Weber, 1967, p. 122).

O “espírito do capitalismo” seria resultado, portanto, da combinação da restrição do consumo com a liberação da procura de riqueza. O ascetismo adquire com isso os contornos de uma virtude, de uma virtude burguesa. Nesse aspecto, a extensão cada vez maior que a influência da concepção de vida puritana adquiriu teria favorecido o desenvolvimento de uma vida econômica racional, tornando-se o berço do moderno ‘homem econômico’ burguês, que poderia agir segundo os seus “interesses pecuniários”, tendo à sua disposição trabalhadores sóbrios, conscientes e industriais, que se aferravam ao trabalho como a uma finalidade de vida desejada por Deus.

A concepção de mundo que emerge daí nos leva àquilo que Weber chama de “a renúncia à Faustiana universalidade do homem”. Segundo ele, Goethe nos ensinara que esse traço fundamentalmente ascético da conduta da vida “implicava na despedida de uma era de plenitude e beleza humana, que, no decorrer de nosso desenvolvimento cultural tem tão poucas chances de se repetir como a época de florescimento da cultura ateniense da Antigüidade” (Weber, 1967, p. 130). Portanto, quando o ascetismo foi levado para fora dos mosteiros e transferido para a vida profissional, passando a influenciar a moralidade secular e contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série através da máquina, determinou “de maneira violenta o estilo de vida de todo indivíduo nascido sob esse sistema (...) e, quem sabe, o determinará até que a última tonelada de combustível tiver sido gasta”(Weber, 1967, p. 131). O ascetismo profissional protestante teria contribuído, desta forma, para a constituição de um sistema em que os homens ficaram como que presos numa “gaiola de aço”, criando, assim, as condições para uma futura perda de liberdade.

O que Weber admite é que desde que o ascetismo começou a remodelar o mundo e a nele se desenvolver, os bens materiais teriam assumido uma crescente, e, finalmente, uma inexorável força sobre os homens, como nunca antes na história.

Hoje em dia - ou definitivamente quem sabe - seu espírito religioso safou-se da prisão. O capitalismo vencedor, apoiado numa base mecânica, não carece mais de seu abrigo. Também o róseo caráter de sua risonha sucessora: a *Aufklärung* (esclarecimento, iluminismo) parece estar desvanecendo irremediavelmente, enquanto a crença no ‘dever vocacional’, como um fantasma, ronda em torno de nossas vidas (...) No setor de seu mais alto desenvolvimento, nos Estados Unidos, a procura da riqueza, despida de sua roupagem ético-religiosa, tende cada vez mais a associar-se com paixões puramente mundanas, que freqüentemente dão o caráter de esporte”(Weber, 1967, p. 131)

O capitalismo teria se tornado a própria religião. Para Walter Benjamin, o capitalismo deveria ser visto como um “fenômeno essencialmente religioso”, sem dogmas, sem teologia, um culto que não conhece dias úteis. No lugar das influências causais do calvinismo sobre o capitalismo, Benjamin diz que “na época da Reforma, o cristianismo não se limitou a favorecer a emergência do capitalismo, mas transformou-se nele”(Benjamin In: Rouanet, 1992, p. 110-17)

No fim d’A *ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber torna-se um crítico ferino dos tempos que vivemos, mas com uma leve ponta de esperança. Para ele, ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou se, no fim desse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e idéias, ou ainda se nenhuma dessas duas (...) Nesse último caso, os ‘últimos homens’ desse desenvolvimento cultural poderiam ser designados como ‘especialistas sem espírito, hedonistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado’(Weber, 1967, p. 131).

Bibliografia

CARVALHO, A. B. *Max Weber: modernidade, ciência e educação*. Petrópolis : Vozes, 2005.

CARVALHO, A. B. & LIMA DA SILVA, W. C. *Sociologia e educação: leituras e interpretações*. São Paulo : Avercamp, 2006.

COHN, G. (org.) Max Weber e o projeto da modernidade: um debate com Dieter Henrich, Claus Offe e Wolfgang Schluchter In: *Lua Nova*. São Paulo (22), 1990.

ROUANET, S. P. Por que o moderno envelhece tão rápido In: *Revista USP*. São Paulo (15): 110-17, Set/Out/Nov. 1992.

WEBER, M.. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão de Gabriel Cohn. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.(Vol. I)

_____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi São Paulo: Pioneira, 1967.